

PSICOLOGIA PROFUNDA
E NOVA ÉTICA

Coleção AMOR E PSIQUE

Coordenação: Dra. Maria Elci Spaccaquerche e Dr. Léon Bonaventure

O autoconhecimento e a dimensão social

- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, Anônimo
- *Encontros de psicologia analítica*, Maria Elci Spaccaquerche (org.)
- *A família em foco: sob as lentes do cinema*, Maríza Terezinha Ramalho Reis; Maria Elci Spaccaquerche (orgs.)
- *Jung, o médico da alma*, Viviane Thibaudier
- *Entrevistas com Marie-Louise von Franz*, VV.AA. (org.)
- *Psicologia profunda e nova ética*, Erich Neumann

Contos de fadas e histórias mitológicas

- *A individuação nos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *A interpretação dos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *O que conta o conto?*, Jette Bonaventure
- *O gato: um conto da redenção feminina*, Marie-Louise von Franz
- *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*, James Hollis
- *A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fadas*, Verena Kast (ebook)

Corpo e a dimensão fisiopsíquica

- *Corpo poético: O movimento expressivo em C. G. Jung e R. Laban*, Vera Lucia Paes de Almeida (ebook)
- *Dioniso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo*, Rafael López-Pedraza
- *Medicina arquetípica*, A. J. Ziegler
- *Presença no corpo: eutonia e psicologia analítica*, Marcel Gaumont

O feminino

- *Os mistérios da mulher*, Mary E. Harding
- *A prostituta sagrada*, Nancy Qualls-Corbett
- *As deusas e a mulher*, Jean Shinoda Bolen
- *O medo do feminino*, Erich Neumann
- *O que conta o conto? (II): Variações sobre o tema mulher*, Jette Bonaventure
- *Liderança feminina: gestão, psicologia junguiana, espiritualidade e a jornada global através do purgatório*, Karin Jironet

O masculino

- *Sob a sombra de Saturno*, James Hollis
- *O pai e a psique*, Alberto Pereira Lima Filho
- *Os deuses e o homem*, Jean Shinoda Bolen

Maturidade e envelhecimento

- *A passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade*, James Hollis
- *Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia*, Robert Stein
- *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*, Murray Stein

- *Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas*, James Hollis

Psicologia e religião

- *Uma busca interior em psicologia e religião*, James Hillman

Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas

- *Psiquiatria junguiana*, Heinrich Karl Fierz
- *Psicoterapia*, Marie-Louise von Franz
- *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*, Adolf Guggenbühl-Craig
- *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*, Gregg M. Furth
- *Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*, Mario Jacoby
- *O Mistério da conjunctio: imagem alquímica da individuação*, Edward F. Edinger
- *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: padrões básicos de intercâmbio emocional*, Mario Jacoby
- *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*, Marcus Quintaes
- *O mundo interior do trauma: defesas arquetípicas do espírito pessoal*, Donald Kalsched
- *Compreensão e cura do trauma emocional*, Daniela F. Sieff

O puer

- *Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*, Marie-Louise von Franz
- *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus*, James Hillman

Relacionamentos e parcerias

- *Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino*, John A. Sanford
- *Eros e pathos: amor e sofrimento*, Aldo Carotenuto

Sombra

- *A sombra e o mal nos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *Mal, o lado sombrio da realidade*, John A. Sanford
- *Os pantanais da alma: nova vida em lugares sombrios*, James Hollis

Sonhos

- *Os sonhos e a cura da alma*, John A. Sanford
- *Aprendendo com os sonhos*, Marion Rausch Gallbach
- *Como entender os sonhos*, Mary Ann Mattoon
- *Sonhos na psicologia junguiana: novas perspectivas no contexto brasileiro*, VV.AA.
- *Pã e o pesadelo*, James Hillman
- *A busca de sentido*, Marie-Louise von Franz
- *Breve curso sobre os sonhos*, Robert Bosnak

Erich Neumann

PSICOLOGIA PROFUNDA
E NOVA ÉTICA

Tradução: João Rezende Costa



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Tiefenpsychologie und neue Ethik*
Fischer Taschenbuch Verlag, 5ª ed., 1985
© Kinder Verlag GmbH, München

Direção editorial: *Sílvio Ribas*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Preparação do original: *Luciana Mourão Maio*

Imagem da capa: *O homem-microcosmo de Hildegarda de Bingen*
(*Biblioteca Statale di Lucca, MS 1942, folio 28v*)

Capa e diagramação: *Karine Pereira dos Santos*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Neumann, Erich, 1905-1960

Psicologia profunda e nova ética / Erich Neumann; tradução de João Rezende Costa. – 2. ed. - São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Amor e psique.

ISBN 978-65-5562-190-7

1. Psicanálise 2. Bem e mal - Aspectos psicológicos 3. Ética - Aspectos psicológicos
I. Título II. Costa, João Rezende III. Série

21-0111

CDD -150.1954
-111.84
-170
-616.8917

Índice para catálogo sistemático:

1. Bem e Mal: Metafísica 111.84
2. Ética: Filosofia 170
3. Psicanálise: Medicina 616.8917
4. Psicologia analítica junguiana 150.1954



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

2ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-190-7

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se novo lugar de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas para nossas feridas e sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e sofrimentos nasceram de falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim, a nossa própria vida porta em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, e sim o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode, de novo, estender a mão à teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural,

abrindo dimensões diferentes de nossa existência, para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos os que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entenderem novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

PREFÁCIO

Este livro, elaborado durante a Segunda Guerra Mundial e sob sua pressão, é publicado em época obscura pela recida do fantasma da Terceira Guerra Mundial. Pergunta-se: num período de dança dos mortos, de que o nazismo na Alemanha não passou de mera antecipação, é, afinal, confiável levantar-se a questão de uma ética, ou mesmo de uma “nova ética”?

Os povos, que ainda ontem se blasonavam de uma luta ombro a ombro, em prol da liberdade do homem, continuam a apostar, entre si, na produção de bombas atômicas uns contra os outros, e quem haveria de duvidar que o incrível de hoje é a evidência de amanhã? O que querem, nesta situação do mundo, a pergunta ridícula acerca da ética, e a resposta, ainda mais ridícula, de que se trata do indivíduo?

Pode parecer que pergunta e resposta sejam ultrapassadas e que não passem de angústia de uns poucos indivíduos moribundos aos quais então se tenta responder. Tudo fala contra este parecer. Uma consciência histórica que lança uma visão global sobre a evolução da humanidade haverá de reconhecer que a gênese do indivíduo, desde sempre, foi tida como o mais elevado empenho da espécie. A comunidade de indivíduos livres, eis a finalidade próxima da evolução — se bem que ainda distante —, mas que já surge no horizonte. Comunidade e liberdade não se proclamam com bombas atômicas; liberdade e individualidade não se estabelecem por obra e virtude de Estados colossais.

Supera-nos a todos o lado sombrio da humanidade, que escurece o céu com os raios da morte e com as bombas atômicas. Quase sempre o grande aniquila o pequeno, mas este sempre sobrevive. Sempre Davi vence Golias. O pequeno é sempre portador de um prodígio, porque ele é um indivíduo criativo com o qual a humanidade palmilha o seu caminho histórico.

Assim o pequeno permanece grande, e a psicologia, que considera a individualidade como um problema central da comunidade, está apenas aparentemente em posições perdidas. Sempre ocorre ser a perda de posições um ponto decisivo para a humanidade.

Israel, Tel-Aviv, maio de 1948

Erich Neumann

1

Introdução

*“Deus está perto,
porém é difícil entendê-lo.
Mas quando há perigo
cresce também a salvação.”*
Hölderlin

O problema do mal é um dos problemas mais centrais do homem moderno. Nenhum apelo a velhos valores e paradigmas nos impede de reconhecer que vivemos num mundo em que o mal no homem, que se levanta gigante das profundezas, nos coloca a todos, sem exceção, diante da pergunta: como poderemos haver com esse mal?

A modernidade é a era da humanidade em que ciência e técnica demonstram a capacidade da consciência de se haver com a natureza física e de dominá-la em larga escala, em maior medida do que qualquer outra época da história da humanidade. É também o período em que a incapacidade de se haver com a natureza psíquica, a alma humana, manifesta-se tão terrível como nunca antes.

O lodo de sangue, que trágica a Europa e ameaça engolir o mundo todo — as guerras mundiais não passam de um sintoma deste estado de coisas —, é a consequência dessa incapacidade.

O fenômeno, que marca o nosso tempo, é a irrupção coletiva do mal no homem, o que jamais se revelou na história universal antes, em semelhante medida.

As várias explicações ideológicas, políticas, sociológicas e outras, como consta da psicologia profunda, jamais captaram a verdadeira causa de um acontecimento. Além disso, não poderiam negar o fato de que o mal pudesse aprisionar centenas de milhões de seres humanos. A velha ética judeu-cristã mostrou-se incapaz de exorcizar as forças destruidoras do homem.

A ruína da denominada “velha ética”, como se pode comprovar, é um fenômeno necessário na história da humanidade. Mas ela nos coloca diante da pergunta: se já existem orientações e esquemas básicos de uma nova ética, pois a humanidade está em perigo de aniquilar-se pela *moral insanity*, que dela tomou posse como sintoma de um período transitório sem ética.

Na luta hodierna da humanidade, só aparentemente estão claras as fronteiras. A luta contra o mal difere do próprio mal, mas a invasão dos homens pelo mal ultrapassa as fronteiras políticas e militares, atingindo-nos a todos, onde quer que estejamos. Culpados não são apenas os assassinos, mas também os assassinados.

Vincula-se com o mal todo aquele que viu e não fez, todo aquele que deixou de ver porque não queria ver, todo aquele que não viu se bem que poderia ver, mas também todo aquele cujos olhos não podiam ver. Culpados somos todos nós, culpados são todos os povos, todas as nações, todas as religiões, todas as classes — culpada é toda a humanidade.

O mal, que irrompeu na pretensão imperialista dos nazistas, é o que impediu até hoje a solução da questão social e da igualdade jurídica dos povos de cor do mundo civilizado, e tenta com todas as forças aniquilar a unidade da humanidade e minar a consciência de um destino único da humanidade e da cultura.

O homem contemporâneo vê-se numa situação abjeta de poder opor à aniquilação dos valores pelo mal apenas uma ética que perdeu sua eficácia anímica. A insegurança interna do indivíduo, que continua apelando à velha ética judeu-cristã sem perceber intimamente sua eficácia, cada dia experimentando sua invalidez, converte-se com muita facilidade em vítima da infecciosa do mal.

Todos temos visto que para “o bem” mão alguma se levanta, ainda que a mão faça parte de um corpo elementarmente em perigo. Isso significa, porém, que não é o bem que determina o homem ou o povo, ainda que estes coloquem o bem acima das ideologias, mas somente o impulso de autoconservação ativado pelo perigo. Enquanto o mal não ameaçar a existência individual, camufla-se com belos mantos, que somente são rasgados quando ele se volta, com ataque devorador, contra a própria pessoa, a própria casa e o próprio país. Não é a luta contra o mal — e essa é a verdade amarga de nossa experiência —, mas, na melhor das hipóteses, a luta contra a ruína causada pelo mal é que põe em movimento o homem moderno.

Está-se inclinando a admitir que essa reação é geralmente humana e atitude básica da humanidade. Mas deixa-se de ver que houve tempos em que a iniciativa dos homens na luta contra “o mal” era inquestionavelmente mais eficaz e que até levou a movimentos de massa. Uma análise dessas iniciativas e desses movimentos de massa poderá mostrar não só cruzamentos com forças contrárias, mas também chegará à comprovação de forças que apenas se utilizaram da máscara do bem. Mas, indubitavelmente, para a consciência desses homens o mal era ruim e a luta contra ele era uma “luta santa”.

Enquanto foi válida a velha ética, os seus valores tiveram força eficaz, mas, desde a irrupção do lado escuro de sua cosmovisão, o homem moderno tornou-se tão cético e inseguro dos valores, que não mais se pôde perceber como um lutador contra o mal e em favor do bem. Ele perdeu a ingenuidade de lutador, e a pergunta secreta, que torna insegura sua posição interna, diz: quem luta contra quem, e luta contra o quê?

Enquanto a orientação religiosa constituiu o fundo da orientação ética, sabia-se que Javé ou Ormuzd, Cristo ou Alá ordenou a luta e, conseqüentemente, os valores. A questão, porém, é se a “indústria” ou a “classe”, o “imperialismo”, a “nação” ou a “raça” constituem o fundo condutor da luta, se o indivíduo é enganado nessa luta, se ele é inconsciente, porque as forças condutoras no fundo são camufladas, se ele luta sem saber do que afinal essas forças constituem na verdade um sintoma — essa pergunta, aparentemente insolúvel e à qual são dadas milhares de respostas de diversas formas, está na consciência de todo lutador como expressão da situação caótica do nosso tempo.

A absoluticidade com que as diversas ideologias mutuamente contrárias se oferecem como solução, de fato, “ajuda” a consciência do indivíduo que consegue deixar-se impregnar por semelhante ideologia. Mas há uma lei psicológica, segundo a qual, todo fanatismo consciente é compensado por uma dúvida igualmente forte no inconsciente. Isso explica por que essas ideologias contribuíram tanto para a confusão do nosso tempo e tão pouco para sua nova orientação.

A velha ética determinou, em sua forma judeu-cristã, a estrutura da humanidade ocidental. O fato de o mundo ter-se tornado ineficiente foi a causa, efeito e

expressão de uma catástrofe, na qual se tornam visíveis as forças contrárias aprisionadas pela velha ética. Mas também, em toda parte, podem-se detectar os inícios de uma nova ética que manifesta uma mudança na constelação psíquica básica do homem moderno.

O problema do mal apresenta-se ao homem moderno de forma coletiva e individual, esse irrompeu na humanidade ocidental há 150 anos, em lugares diversos, aluiu e destruiu o cunho da velha cultura, mas também pode ser acompanhado até em pormenores na história psíquica do indivíduo.

O desenvolvimento do indivíduo, mediante o prisma da psicologia profunda, no qual se manifesta o problema do mal, permite, mais do que o pode fazer uma pesquisa do evento coletivo, detectar os novos enfoques sintéticos, ou seja, os elementos básicos de uma nova ética.

Essa observação relaciona-se com o fato de que a evolução externa coletiva acompanha com atraso de décadas a evolução dos indivíduos que, como tropa de reconhecimento, já se ocuparam antes dos problemas que mais tarde atingem o coletivo como massa.

Entende-se facilmente que se podem detectar antes e mais claramente os ensaios individuais de solução no processo de desenvolvimento individual do que no do coletivo. O indivíduo defende-se da ruína ao se debater com o problema do mal, sendo por ele abalado e não raro atirado à beira do abismo. Para continuar a sobreviver, ele carece, não por vontade arbitrária, mas por necessidade urgente, das forças profundas do inconsciente, a fim de, a partir delas e de si mesmo, encontrar novos caminhos, novas formas de vida, novos valores e símbolos condutores.

Mas a realidade do mal, que atinge o indivíduo, nasce não só de uma realidade individual, mas também

da conformação individual de uma situação do coletivo. Assim como as forças criadoras do seu inconsciente, que apontam novos caminhos, não são apenas forças individuais, mas também a figura individual da dimensão criadora do inconsciente coletivo e universal.

Tanto o problema quanto a sua solução tornam-se visíveis no indivíduo, pois ambos estão coletivamente fundados. É isso que precisamente torna tão importante a experiência individual do homem. O que nele ocorre é exemplar para o todo, e os enfoques de solução, que lhe trazem solução e salvação, são os inícios de valores e símbolos futuros para o coletivo.

O futuro do coletivo vive no presente dos indivíduos acobalhados por seus problemas, que representam como que os órgãos desse coletivo. Os homens sensíveis, anímicamente doentes e criativos, são sempre os precursores. Sua capacidade de serem mais penetrados pelos conteúdos do inconsciente coletivo, da camada profunda que determina a história do evento grupal, os faz receptivos aos novos conteúdos que surgem, conteúdos que ainda não foram percebidos pelo coletivo. Também a esses homens, os problemas se tornam pessoalmente agudos cinquenta anos antes que o coletivo tenha tomado conhecimento da presença desses problemas.

Assim como a questão das mulheres foi percebida pelas mulheres do romantismo, também a crise moral do século XX foi antes percebida por Nietzsche, apenas para mencionar dois exemplos. O que vale para os homens criativos, vale, em menor escala, também para os homens sensíveis e para uma parte dos neuróticos. Não raro uma pessoa sensível fica doente pela impossibilidade de se haver com um problema que não foi percebido como problema pelo mundo em que vive, mas

é um problema futuro da humanidade que se propõe nele e o leva à luta.

Assim se explica que esses homens são extemporâneos, afastados do seu tempo e caminhantes solitários, mas também se explica o seu pioneirismo profético. O seu destino e a sua luta não raramente trágica com a problemática são de decisiva importância para o coletivo, que recebe e assume, preparados precisamente por esses indivíduos, não apenas os problemas, não apenas a crítica destruidora do passado, mas também a síntese que constrói o novo.

A relação da problemática do indivíduo com a problemática do coletivo é muito mais estreita do que se percebe no geral da humanidade. Ainda que nem sempre se perceba a constelação de totalidade, na qual cada indivíduo é um órgão do coletivo, cuja estrutura interna comum ele traz consigo no seu inconsciente coletivo, e na qual o coletivo não é nenhum abstrato, mas a unidade de todos os indivíduos, representada por ele.

A tragédia matrimonial do indivíduo é o palco onde o coletivo faz valer o problema da mudança das relações homem-mulher, problema que é significativo e ativo também para além dos conflitos matrimoniais do indivíduo. Igualmente, o problema moral, que leva o indivíduo a adoecer neuroticamente, é ao mesmo tempo palco e expressão de que o coletivo não está se saindo bem com o problema do mal, que nele se põe em discussão.

Enquanto determinados valores do coletivo são forças vivas e eficazes, o indivíduo, quando não se trata de homem excepcional, não tem nenhuma problemática de valor. Ele não adoecer pelo problema desses valores, pois existem formas institucionais de se haver validamente com o problema do valor. Enquanto e à medida que

existe o sacramento do matrimônio, não existe nenhuma neurose dos problemas matrimoniais, mas sim adultério e pecado, castigo e perdão. A orientação é válida, ainda que o indivíduo se comporte invalidamente,

Mas, quando o coletivo não mais possui o valor, isso significa que se introduziu uma crise de valor, e falta ao indivíduo a orientação coletiva. Ele adocece, levado por um problema para o qual não existe mais uma resposta coletiva e uma forma coletiva de solução. Ele entra, então, numa situação de conflito, de que nenhuma instituição não mais o pode livrar; conflito no qual ele deve sofrer e experimentar a solução individual no evento do seu destino pessoal.